

AÇÃO SOCIAL DA REDE *CARITAS* NOS EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA (EPS): UM ESTUDO SOBRE VALORES E DINHEIRO

Luciana Dantas Mafra¹
Maria Lucia Bastos²

INTRODUÇÃO

A intenção deste artigo é contribuir com estudos que verifiquem a relação dos valores com as práticas econômicas, mais especificamente, de como o universo valorativo da religião participa do fortalecimento da Economia Solidária através do protagonismo da Rede *Caritas* no Nordeste 2 (PB,PE,RN,AL). As práticas inspiradas em valores e ligadas ao econômico podem ou fortalecer/gerar o sistema capitalista (WEBER), ou absolutizar o dinheiro como finalidade última (SIMMEL), ou produzir laços sociais baseados no Dom (CAILLE) ou ainda, criar uma nova economia fundada na solidariedade (SINGER).

Os valores religiosos na atualidade possuem alguma influência na formação de novas práticas econômicas? A resposta a este questionamento parece encontrar na ação social da Rede *Caritas* NE 2³ um lugar em que valores éticos e religiosos se colocam como o contorno e mesmo como o conteúdo de práticas sociais e econômicas que procuram confrontar modelo e valores neoliberais. A Rede *Caritas* através do apoio ao desenvolvimento de pequenos projetos produtivos liga sua história a uma proposta de economia, que com o amadurecimento das experiências, vai estar ligada aos valores éticos e experimentações sociais de um novo modelo de sociedade, baseado na solidariedade e contrário ao modelo neoliberal⁴. O modelo destas práticas sociais e econômicas se encontra nas alternativas geradas pelo Movimento de Economia Solidária que envolve desempregados e subempregados em cooperativas de autogestão. Estas cooperativas se referem à produção, ao consumo, ao crédito numa perspectiva de solidariedade recíproca (SINGER e SOUZA, 2000). A ideia é ser alternativa ao modelo econômico capitalista, baseado no desenvolvimento sustentável, na produção comunitária e na autogestão(BERTUCCI & SILVA, 2003; SOUZA, 2007).

A característica da ação social da *Caritas* no nordeste é a de trabalhar com os segmentos mais excluídos da sociedade: catadores de material reciclável, pequenos

agricultores da região agreste e do semiárido e artesãos locais. Estes indivíduos não são os mesmos daqueles que trabalham em empresas recuperadas, que dominam os processos industriais, ou dos jovens que atuam de forma cooperada no segmento da informática, ou desempregados que perderam postos de trabalho. São excluídos. São aqueles denominados “sem”: sem teto, sem moradia, sem qualificação profissional, sem terra.

Os valores que vão fundamentar as ações sociais da Rede em favor destes grupos de excluídos e revelar também suas ambiguidades serão o da solidariedade e o do Bem Comum. São estes além de outros valores éticos e religiosos presentes no discurso da Rede e na prática dos empreendimentos que permitem analisar as articulações entre valores e práticas econômicas, formas de sociabilidades e ambiguidades entre a lógica utilitária da Economia Liberal e a lógica anti-utilitária da Economia Popular Solidária(EPS). Antes, porém, de analisar as práticas econômicas dos empreendimentos solidários e sua relação com os valores, tratamos do enquadramento teórico que nos permite esta análise a partir da obra *Philosophie de L'argent* de Georg Simmel.

1 Valores e Dinheiro em Georg Simmel

O dinheiro na obra *Philosophie de L'argent* de Simmel é a chave para compreender o fenômeno religioso; ele é uma forma pura, próxima do exercício filosófico que traz a possibilidade de tornar-se um instrumento de socialização e condensar valores pessoais. « O dinheiro é um condensado de sentido e de matéria que ordena o social e o pensamento sobre o social⁵». Para Simmel, o dinheiro possui ambivalências importantes: dilui valores quando colocado no mercado, aumenta possibilidade de escolhas, de trocas, cria distância entre os valores pessoais e os objetos que possuem uma demanda de valor específica, é o representante da liberdade humana e seus desejos. Em tese, esta evolução quanto ao uso do instrumento dinheiro pelos indivíduos, segue a evolução e transformação da sociedade tradicional em direção à sociedade moderna. Enquanto instrumento puro, ele é apenas algo que circula entre os indivíduos, *a priori* neutro. Enquanto instrumento que possui valor ele porta os desejos da modernidade e é símbolo de reconhecimento e conhecimento da realidade moderna (BREMONT d'ARS 2006, p.109). Em *Philosophie de L'argent* o dinheiro supõe um conceito de verdade. Esta verdade do fato social cuja epistemologia é kantiana, faz referência à verdade histórica e sua circularidade. O passado é impenetrável,

mas deve ser procurado e compreendido a partir das experiências do presente (GRENIER 1993, p.25) « Quem quer compreender o presente sob qualquer aspecto que seja deve recorrer à aproximação histórica. Mas este passado, ele mesmo obscuro e impenetrável, é compreensível apenas à luz das experiências do presente imediato⁶. » A verdade não está apenas no fato social mas se encontra também nos pontos de vista sob os quais foi analisada, e, portanto, para Simmel, a verdade se encontra na relação, ou, ainda, no equilíbrio interno do fato social e em suas necessidades de explicação. A distinção do dinheiro como meio e o dinheiro como finalidade última pode permitir o conhecimento da sociedade que se tem e aquela que se quer. Esta que se deseja através de um jeito novo de tratar o econômico no centro da vida dos indivíduos. É a análise da realidade social a partir do significado que atribuem os agentes ao dinheiro, ao econômico. Seguir a aparência manifesta do fenômeno econômico em busca de seus valores e significados representou a ambição de Simmel na obra citada e representa igualmente nosso interesse de pesquisa.

Entendemos que, no espaço dos empreendimentos solidários, o dinheiro e as transações econômicas têm um significado distinto da sociedade de mercado, que revela uma socialização específica animada por valores éticos, religiosos, mais que os valores de capital, lucro, exploração, acumulação próprios da racionalidade mercantil e utilitária. Simmel nos parece oferecer uma teoria de referência nesta área por fundamentar a correspondência entre formas de socialização, formas puras e abstratas e os conteúdos subjetivos.

2 Rede *Caritas* e Universo Valórico

A falta de alternativa, no mercado de trabalho formal, leva os indivíduos dos empreendimentos em economia popular solidária a serem confrontados com ausências subjetivas: falta de reconhecimento, de espaços de socialização, de identificação. Estas ausências podem levar a diferentes formas de exclusão, social, econômica, comunitária. As ações em grupo ajudam a encontrar alternativas à precarização do trabalho formal e ao desenvolvimento de ações autogeridas. Pode-se deduzir que, além de uma ação de reação, é uma ação de rejeição a um sistema que gera em permanência, exclusão. Os esforços dos empreendimentos solidários vão no sentido de organizarem, gerenciarem de *outra maneira*⁷, a vida cotidiana. Aderir a um conjunto de valores se traduz em proposições

alternativas de inclusão econômica e integração social, os valores comuns atuam construindo estratégias de enfrentamento da precariedade social, graças à aprendizagem de uma vida coletiva inscrita no desenvolvimento pessoal.

A dimensão das relações possui um papel importante nos empreendimentos. Alguns indivíduos já se conhecem antes de participar do grupo, outros passam a criar estes laços depois de estarem no grupo. Os laços podem ser duráveis ou não, podem facilitar a vida coletiva ou bloqueá-la, mas, em geral, para os que permanecem e se identificam (dado que se comprova pelas entrevistas) apontam-se sentimentos de pertencimento, sob a analogia de família, de comunidade. Para os que assim a sentem, as relações são estabelecidas a partir de uma experiência de vida comum, de um cotidiano similar. A vida cotidiana, as relações de proximidade são a base de onde emerge a prática dos valores. A complexidade destes domínios da vida favorecem a construção de alternativas produtivas, econômicas, a construção de reconhecimento social.

Os conflitos fazem parte do processo que inclui uma opção ética e política de emancipação social, e requer adesão a valores de autonomia, autogestão, solidariedade. Adesão que se dá a nível individual, que faz parte da liberdade individual onde se pode aderir ou não a estes valores. A vida cotidiana da qual partimos é aquela definida por Agnes Heller⁸, como espaço de construção das histórias pessoais, do desenvolvimento de capacidades e práticas. A vida cotidiana coloca o indivíduo em relação com a sociedade, produzindo sentido, significados. A economia solidária é uma forma alternativa de produzir e consumir, mas, igualmente, de se relacionar e conviver. A autogestão⁹ e a auto-organização partem de perspectivas coletivas, que, na prática, devem se revelar como aprendizagem de práticas democráticas e sociais.

Mas, para que ela seja transformadora, é necessário refletir sobre a ação cotidiana e sobre suas próprias aprendizagens sociais, identificando limites, contradições. Socializar o saber, as habilidades, a comunicação, a vida do empreendimento, podem estimular o engajamento no grupo. É um aprendizado pessoal e coletivo com adesão a práticas e valores alternativos àqueles da sociedade de mercado.

O objeto em si, a Rede *Caritas* e os EEPS, carregam todas estas potencialidades valorativas em suas práticas, princípios e ação social junto aos empreendimentos solidários, que afastam desde o início, qualquer possibilidade de engajamento com a neutralidade. Dar lugar a estes valores na sua relação com o que há de mais utilitário na sociedade de mercado, a circulação do dinheiro, é, conscientemente, analisar ações que se

opõem à sociedade de classes e à alienação. Este estudo assume a responsabilidade de contribuir com outras formas de analisar o social, a partir das estratégias de inclusão social e econômica propostas pelos empobrecidos. É, de certa forma, não reconhecer, como natural, o crescente quadro de desigualdade social que se intensifica nesta etapa do capitalismo em nossa sociedade.

3 Metodologia: Tipo de estudo e Universo da Amostra

Optamos por uma metodologia que abordasse a circulação do dinheiro e das práticas econômicas pela perspectiva dos sujeitos, empreendimentos em economia popular solidária, e que nos permitisse analisar valores, práticas, reconhecimentos, ambivalências; articulando valores éticos e religiosos ao dinheiro nas ações. O método de pesquisa qualitativo e quantitativo é o que melhor se adequa à interpretação do objeto por privilegiar, de um lado, no seu aspecto qualitativo, o contato direto do pesquisador com o campo investigado e dar maior visibilidade aos processos vividos pelos sujeitos, que ao produto objetivo da ação(LUDKE, ANDRÉ, 1986) ; e, por outro lado, no seu aspecto quantitativo, amplia o conhecimento sobre o perfil destes empreendimentos no nordeste 2, gerando certo grau de generalização. Esta generalização, no entanto, é parcial, e aplicável, apenas, para o universo da amostra.

Foi realizada uma amostra sistemática de indivíduos, com base em informações disponíveis nas representações das *Caritas* nos estados de Alagoas, Paraíba e Pernambuco, com 63 indivíduos. As análises realizadas são de caráter exploratório levantando hipóteses sobre o perfil dos empreendimentos. As hipóteses são analisadas à luz da teoria desenvolvida. As entrevistas semiestruturadas e a observação continuada, permitiram, enquanto instrumentos qualitativos, complementar a análise. O mapeamento nacional sobre os indicadores de perfil dos empreendimentos solidários realizados entre os anos de 2005-2007(CULTI 2010)¹⁰, e que representa 2.934 municípios brasileiros, ou seja, 52% dos municípios brasileiros, serviu de base de comparação e análise do perfil dos empreendimentos da amostra sistemática e não aleatória que levantamos. As características de perfil que descrevemos e analisamos correspondem no geral, à tipologia apresentada na pesquisa nacional. Nossa amostra revela que a maioria dos participantes dos empreendimentos em economia solidária (EEPS) são de mulheres, 70%, com média de

idade de 42 anos, cuja renda familiar corresponde em média a um salário mínimo, 62%, e que possuem apenas o ensino fundamental ,46%.

Isto confirma uma das características dos empreendimentos solidários no nordeste 2 acompanhados pela *Caritas*; indivíduos em situação de exclusão social e econômica, com baixa escolaridade e em sua maioria formado por mulheres. O lucro¹¹ produzido por estes empreendimentos é baixo, e varia segundo o tipo de atividade produtiva. Os agricultores que participam da agricultura familiar tendem a conseguir um lucro médio mensal de R\$ 389,68 reais por mês¹², enquanto que artesãos retiram de sua produção a média de lucro mensal de R\$ 100,00 reais por mês. Se a vantagem da associação não é exclusivamente econômica, visto que este não representa grandes valores monetários, verificamos que há outros fatores que influem na relação de adesão e permanência do indivíduo à associação. Entre os que responderam à pergunta « Em que lhe ajudou fazer parte deste grupo/associação, » a auto estima (22%), o desenvolvimento de habilidades (14%), o aprendizado sobre desenvolvimento sustentável (14%) somados, foram tão significativos quanto a possibilidade de encontrar, através da associação, alternativas de comercialização (41%).

Há, portanto, uma incidência significativa de valores atuando sobre a atividade econômica e revalidando a hipótese de que há um conjunto de valores éticos e religiosos com relação à circulação do dinheiro atuando e ressignificando a relação dos indivíduos com a racionalidade econômica utilitária. Os dados apontam que a necessidade de produzir e complementar renda, vão de encontro a valores e crenças pessoais, recriando a relação do indivíduo com o dinheiro e o interesse utilitário. Quando perguntado « como passou a fazer parte da associação/empreendimento solidário » 45% é a soma total dos empreendimentos da amostra que passam às associações de Economia Solidária através do contato com grupos da Igreja Católica – Pastoral dos Catadores, Circulo Operário, CEB's, Pastoral da Criança, Projetos de geração de renda da *Caritas*. Este dado revela que existe influência do discurso sobre os valores e o dinheiro oriundo da Igreja Católica, sobre as formas de organização e produção dos empreendimentos. O contato inicial que acontece em função dos projetos desenvolvidos pela Rede estão ligados aos Projetos de segurança alimentar através do cultivo dos Canteiros econômicos – cultivo de hortaliças e verduras sem uso de agrotóxicos para consumo das famílias e venda do excedente -, este projeto acontece em assentamentos da Reforma Agrária (PE,PB) e junto a comunidades rurais ; à construção de

Cisternas em comunidades que não têm acesso à água e vivem na região do semiárido (PE,PB,AL), projeto que está ligado ao Programa Federal Um Milhão de Cisternas/ASA e acontece também por intermédio de doações privadas ; apoio a diferentes iniciativas de Fundos Rotativos ligados à criação de animais, sementes, plantio de verduras, atualmente com significativo aporte financeiro do BNB e BNDES ; além dos projetos de Formação e Capacitação em Economia Solidária que incluem encontros, reuniões, viagens de intercâmbio entre agricultores, apicultores, catadores de material reciclável.

3.1 Valores da Rede e relação com os EEPS

Quando perguntamos, entre todos os participantes dos empreendimentos presentes no momento da aplicação do questionário, se conheciam algo sobre a *Caritas*, as respostas foram as seguintes: do total de participantes da amostra, 43% declararam conhecer alguma coisa específica sobre a *Caritas*. Entre os elementos apontados, as características que mais apareceram foram: solidariedade, caridade, apoio, participação, mística, comunidade. Estes que especificam elementos que identificam a Rede, são os indivíduos que participaram de pastorais sociais, de encontros formativos promovidos pela Rede, de momentos de mística coordenados pela *Caritas* em abertura de encontros, seminários, capacitações. O percentual, igualmente, expressivo de 49% que declararam não conhecer elementos que identificam a Rede, foram de indivíduos que participam dos empreendimentos, mas não estiveram presentes em nenhum destes momentos. Nas atividades de capacitação e nos espaços de articulação, geralmente estão presentes as lideranças dos grupos e pessoas que os representam, explicando, desta forma, o desconhecimento das características que identificam a *Caritas* pelos demais. No entanto, para todos aqueles que a conhecem (43%), todos declararam haver diferença entre a *Caritas* e outras ONG's ou entidades de assessoria. Esta diferença consistindo nos valores identificados como solidariedade, mística, caridade, apoio, participação, comunidade. Durante entrevista a um dos fundadores da associação de Catadores ASTRAMARE em João Pessoa/PB, que participa do empreendimento desde a desativação do lixão na cidade, ele se referiu, desta forma, sobre a Rede:

ela é pioneira neste trabalho junto com a gente porque na época houve um impasse porque o poder público municipal queria acabar com o lixão, e a gente ficou sem saber o que fazer, a gente sempre sabe que as histórias acontecem mas que demora pra acontecer, ne? Mas a gente sabia que ia acabar com o lixão e a gente ficava preocupado...poxa...e o que é que vai acontecer conosco? (...) o poder público mesmo ficou... “como é que a gente vai trabalhar com esse pessoal”, justamente esse pessoal.. que é...digamos...um pouco carrasco até consigo próprio, porque não tem um estudo, uma capacidade de compreensão; então convidaram a *Caritas* pra fazer esse trabalho, essa ligação entre catador e poder público municipal, e foi um trabalho que deu certo. E hoje a *Caritas* engajou e tá trabalhando junto com a gente, tá apoiando nossas iniciativas, nossos trabalhos, e até hoje realmente a *Caritas* é como se fosse um de nossos braços, um membro do corpo da gente; e a gente tá em total apoio com a *Caritas* e só temos a agradecer, não é pela palavra *Caritas*, caridade, mas pelo empenho que tá sendo feito, por tá trabalhando, lapidando o catador; [...]a *Caritas* é ...é...eu não acho que a *Caritas* seja um apoio, eu acho que a *Caritas* faz parte dessa criação, desse movimento, do movimento, do catador, eu acho que a *Caritas* hoje ela não é mais apoio, ela é participativa, ela faz parte do nosso grupo, hoje todas as conquistas que nós temos, a *Caritas* tem um pouco de participação. Então pra mim, a *Caritas* já faz parte de nosso grupo, ela não é mais apoio. (Kelson,JP)

Estes valores indicados pelos indivíduos das associações que mantêm contato com a Rede aparecem nas entrevistas e nos dados da amostra, demonstrando que os valores da base teológica pastoral - solidariedade, bem comum -, possuem validade não apenas nos discursos e documentos, como permeia a prática dos agentes com os beneficiários da ação. O entrevistado deixa claro, que não se trata de relação de caridade entre catadores e entidade, de pena ou benevolência, mas de parceria na conquista de direitos. A presença da *Caritas* no acompanhamento e promoção dos empreendimentos é reconhecida como importante no conjunto da amostra, o que nos permite analisar as interações da Rede com os empreendimentos quanto aos valores.

3.2 Valores como Causa de Participação

Os objetivos apontados pelos indivíduos como sendo motivadores para participarem de um empreendimento solidário aparecem resumidos na Tabela 1. Os maiores percentuais, 56%, indicaram produzir e complementar a renda familiar como o objetivo que levou o indivíduo a fazer parte do empreendimento. Este indicador aponta, em primeiro lugar, para o contexto de precarização do trabalho e aumento do desemprego

como fator determinante da busca de alternativas de trabalho entre os empobrecidos, como mostra a tabela:

Tabela 1- Objetivo do indivíduo no empreendimento¹³

Objetivo	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Produzir e complementar renda	35	56%
Produzir de modo sustentável	9	14%
Ter uma ocupação	12	19%
Apenas ter uma fonte renda	11	17%
Conhecer pessoas	6	10%
Fortalecer um grupo já existente	3	5%

Fonte: Levantamento Direto

Os segundo e terceiro maiores percentuais, 19% e 17%, como ter uma ocupação e ter apenas uma renda, são oriundos, sobretudo, das mulheres que fazem parte das associações de artesãs e das associações de famílias agricultoras, em que a mulher procura o trabalho como complemento à renda do marido, da família. São, em geral, mulheres que casaram ainda jovens, possuem baixa escolaridade, desempenham apenas atividades reprodutivas e, em razão do empobrecimento e da necessidade de sentirem-se úteis, procuram nas associações do bairro, locais para produzir. As respostas em que aparecem conhecer pessoas(10%) e fortalecer um grupo já existente (5%), também foram respostas dadas por mulheres que fazem parte dos empreendimentos, estas, por sua vez, representam mulheres idosas ou bastante jovens das associações, que tomam conhecimento da existência do empreendimento, ou são convidadas a participar por outras companheiras, e procuram a associação com o objetivo inicial de encontrar espaços de socialização e ocupação produtiva do tempo. Este objetivo inicial, no entanto, se modifica ou é associado a outros valores à medida que o indivíduo se engaja no cotidiano do empreendimento. O grupo passa a representar um espaço de produção mas, igualmente, de solidariedade, de valorização de si mesmo e desenvolvimento de habilidades. É possível perceber esta evidência ao comparar aqueles que mencionam apenas renda, com aqueles que mencionam renda e outros valores. A tabela 1 apresenta os dados de forma compactada, e deixa um

ponto muito relevante de fora: apesar da grande maioria - 86% dos entrevistados - mencionar renda como um seus objetivos dentro do grupo produtivo, 75% mencionou outro motivo distinto de renda¹⁴. Temos, aqui, evidência de que os valores motivadores dos grupos produtivos vão além do financeiro.

As associações são reconhecidas como lugares produtivos, onde se pode encontrar, coletivamente, mais espaços e possibilidades de comercialização, demonstrando a força coletiva do trabalho associado, mas que não esgota os interesses individuais em permanecer nela. A auto-estima (22%), o aprendizado sobre desenvolvimento sustentável (14%), o desenvolvimento de habilidades (14%), o reconhecimento como trabalho digno (14%), a formação para realizar aquela atividade (14%) foram os principais valores associados à renda apontados pelos pesquisados. Isto demonstra a relação dos valores com o dinheiro e, ainda, dos valores atribuídos ao trabalho associado. Se considerarmos que estes indivíduos são acompanhados pela Rede *Caritas* e que muitos começam nos empreendimentos a partir do contato com os grupos de igreja ou pastorais, que reconhecem a solidariedade, o apoio, a partilha como características da *Caritas*, os valores trabalhados pela Rede coincidem e influenciam na relação entre valores e dinheiro.

Os percentuais de lucro confirmam nossa análise quanto a não exclusividade do interesse utilitário nas relações dos agentes que pertencem a estes empreendimentos, embora não se negue o interesse pelo lucro, pela produção e ganho monetário demonstrado na tabela anterior. A média de lucro nos empreendimentos desta amostra é de R\$ 389,68 e o lucro menor de R\$100,00. Entre as famílias agricultoras e os catadores de material reciclável, se encontram os lucros maiores que variam entre o lucro médio (R\$ 389,68) e um salário mínimo (R\$ 545,00) enquanto que entre os artesãos a variação está entre o lucro menor (R\$ 100,00) e a média (R\$ 389,68). Considerando que a renda familiar da maioria não ultrapassa o salário mínimo a não ser pelos acréscimos dos programas sociais, percebe-se que não é apenas o dinheiro que mantém estes indivíduos nos empreendimentos. Há o acréscimo de outros valores, habilidades, e aquisição de saberes que extrapola a aquisição do lucro, como comenta este agricultor da região do semiárido da Paraíba (Patos) e que, há três anos, participa de empreendimento solidário na agricultura familiar:

o objetivo da gente na associação, eu acho que se eu tô entendendo direito, é ter um pouco mais um nível mais conscientizado né? Que a gente se conscientize cada vez mais, trabalhar com união, porque se a gente não se unir a gente não vai pra frente né... é como diz aquele ditado, “a força faz a união” e eu vejo a associação como união.[...] a gente aprende muito numa associação porque, a gente quer uma visita de

intercâmbio que a gente criou também, dentro desse...dessa feira; ainda domingo mesmo a gente foi fazer; sendo que todo mês a gente visita o agricultor sabe... pra gente conhecer outras experiências, a forma que ele trabalha, se ele tá trabalhando igual aos outros que a gente já tem, pra gente ir conhecendo cada um né?(Agricultor zona Rural Patos/ Agricultura familiar)

União, conscientização, troca de saberes adquiridos dizem respeito a outra espécie de ganhos, que não exclusivamente o monetário, como demonstram as experiências realizadas na área da agricultura familiar onde se procura produzir de forma « limpa » - sem agrotóxico, por exemplo. Este jeito de produzir prioriza a não utilização de agrotóxicos e adubos químicos no cultivo de hortaliças e frutíferas, utilizando apenas defensivos naturais no manejo das verduras. Os agricultores trocam suas experiências de produção « limpa », através de capacitações e viagens de intercâmbio entre diferentes cidades que possuem as mesmas potencialidades e dificuldades quanto ao solo, ao clima, à diversificação de cultivos. O valor ético comum partilhado por eles é atrelar à prática produtiva valores não monetários que dizem respeito à conservação do natureza, à saúde coletiva. Pouco a pouco, os agricultores reavaliam sua relação com o meio ambiente, e além de uma convivência mais sustentável com a natureza, modificam também seus hábitos alimentares, valorizando a aquisição da saúde pelos produtos que vende e em sua própria mesa. A experiência de famílias agricultoras do assentamento Acauã, no município de Aparecida, região do semiárido paraibano(Patos) confirma estas outras aquisições:

Hoje, todo mundo tem os seus muros com produção de frutíferas,né...outros tem também hortaliças. A gente ganhou o hábito de comer alface, berinjela, que a gente não tinha. A gente do sertão não tem esse hábito de comer... né.. o pessoal ainda planta acelga, é, espinafre, e é coisa que a gente nem sabia que existia, assim. Achava que era só coisa de televisão mesmo, mas não é mais; agora o pessoal desde 2003 pra cá o pessoal foi se acostumando, e ai foi melhorando o hábito alimentar.(Agricultora assentamento Acauã,Patos/PB)

Ao lado da aquisição de saberes, de revalorização do espaço, de sua atividade produtiva, e de si mesmo, percebe-se o aumento da auto estima em todos as entrevistas concedidas, como demonstrado pelas falas e na análise dos dados. Isto confirma a relação entre valores e comportamento econômico, além da não exclusividade do interesse utilitário nas relações pessoais e produtivas. O lucro existe, mas não esgota o interesse

individual que percebe no conjunto e no processo da formação associativa, outros ganhos, não monetários, mas igualmente importantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo a teoria da escolha racional, se os benefícios ou vantagens não são maiores que as desvantagens, o indivíduo racional tende a abandonar o que deseja. A situação de empobrecimento que marca a trajetória pessoal e social dos indivíduos que fazem parte dos empreendimentos em economia solidaria nos estados do nordeste que pesquisamos, levaria a dedução de que na aquisição do lucro e do dinheiro se esgota toda motivação do agente. Os lucros não representam a única fonte de interesse individual ou coletiva nestes empreendimentos que se propõem a produzir solidariamente. Não há renúncia do investimento pessoal no empreendimento em função da baixa lucratividade. Antes, há um contínuo reinvestimento em função dos valores ligados à convivência, à troca de saberes, à auto estima, que insere os indivíduos participantes na lógica da solidariedade proporcionada pelos laços de proximidade. Onde há gerenciamento de recursos, relações econômicas, a teoria da escolha racional tende a reduzir a motivação do agente ao paradigma da utilidade. Os dados e entrevistas desta amostra confirmam seu inverso.

Mesmo com a inclusão da circulação do dinheiro - produção, comercialização, investimento e lucro - as relações de proximidade e de confiança entre os participantes do empreendimento entre si, e destes com a Rede *Caritas*, corresponde a adesão a um conjunto de valores éticos, e também religiosos, onde a gratuidade e a solidariedade estão no centro das motivações da ação social de forma mais explícita que o interesse utilitário. Há evidência da existência de outros valores, além do valor monetário, nas escolhas e nas ações dos agentes. Portanto, todas as ações sociais não podem ser explicadas pelo paradigma da utilidade, e pelo viés econômico, porque o indivíduo pode ser visto de outras formas, que um indivíduo movido apenas pelo dinheiro.

O que foi recuperado nas entrevistas reforça a construção valorativa da economia pelo discurso da Rede *Caritas*, onde a satisfação das necessidades e do bem comum prevalecem fundamentais. Se nesta, a ideia de pessoa está no centro, todo o resto, inclusive a dimensão do dinheiro, esta à serviço da pessoa. A economia da solidariedade na experiência dos empreendimentos investigados também aponta para os valores encontrados na Rede: a relação do homem com a natureza e sua preservação, o reconhecimento da

centralidade da vida, da pessoa e não dos bens, a negação do uso do homem e da natureza como mercadorias, a convivência assumida pela consciência da responsabilidade conjunta pelo bem comum de todos. As entrevistas trouxeram a necessidade do suprimento de carências, do ganho do dinheiro ao lado do desenvolvimento das capacidades, das habilidades como valores gerados pela produção associada, coletiva. As práticas econômicas entre os empobrecidos não desconsideraram o desenvolvimento sustentável e a convivência. Há o mérito nestas experiências e na relação da Rede *Caritas* com estes empreendimentos de contrapor à prática de uma economia baseada no lucro, na exploração e que transforma tudo em mercadoria, outra prática de economia ligada à proteção mútua, ao desenvolvimento coletivo e a valores não redutíveis às transações de compra e venda.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BURITY,Joanildo.“Identidade e Cidadania: a cultura cívica no contexto de uma nova relação entre sociedade civil, indivíduos e estado”, **Cadernos de Estudos Sociais**, vol. 15, nº 2, julho-dezembro,1999.

_____. **Identidade e Múltiplo Pertencimento nas Práticas Associativas Locais.** Relatório de pesquisa. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, mimeo, 2000.

_____. **Redes sociais e o lugar da religião no enfrentamento de situações de pobreza:um acercamento preliminar**,2002. Disponível em: **Erro! A referência de hiperlink não é válida..** Acesso em 04 fevereiro 2011.

BERTUCCI, Ademar Andrade & SILVA, Roberto Marinho Alves da. **20 anos de economia popular solidária: trajetória da Cáritas dos PACs à EPS.** Brasília: Cáritas Brasileira, 2003.

BREMOND d’ARS,Nicolas de. **Dieu aime-t-il l’argent?Don,piété et utopie sociale chez les catholiques en France.**Paris, L’Harmathan,2006.

_____. **Don,argent et religion:circulation et gestion de l’argent dans trois paroisses catholiques parisiennes.**Mémoire de DEA de sociologie sous la direction de Danièle HERVIEU-LEGER. Paris, EHESS,1995.

CULTI, Maria Nezilda. **Economia Solidaria no Brasil- tipologia dos empreendimentos econômicos solidários.** São Paulo: Todos os Bichos, 2010. 120p.

GAIGER, Luís Inácio. **A racionalidade dos formatos produtivos autogestionarios.** Sociedade e Estado, Brasília, v.21, n. 2, P. 513-545, maio/agosto. 2006.

_____. **Sentidos e experiências da economia solidária no Brasil.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

GRENIER Jean-Yves, GUERY Alain, GRINBERG Martine, BALDNER Jean-Marie, SIMONNOT Philippe, GORIN Martin, SCIALOM Laurence, THERET Bruno, GILLARD Lucien. **Philosophie de l'argent de Georg Simmel**. L'Harmatan, Paris, 1993.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX –1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HELLER, Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona, Península, 1977.

LIMA, Jacob. **O trabalho autogestionário em cooperativas de produção; o paradigma revisitado**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.19, n.56, p.45-62, 2004.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli Eliza. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

ROSANVALLON, Pierre. **La autogestión**. Madrid: ed. Fundamentos, 1979.

SINGER, Paul; SOUZA, Andre(org.). **A economia Solidaria no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

SOUZA, André Ricardo. **Igreja Católica e mercados: a ambivalência entre a solidariedade e a competição**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 27(1):156-174, 2007.

_____. **Entre a assistência e a auto-gestão: a economia popular solidaria da Caritas**. *Revista Nures* n. 5 janeiro/abril 2007, PUC, São Paulo. Disponível em <http://www.pucsp.br/revistanures>.

_____. **Igreja, política e economia solidaria: dilemas entre a caridade, a autogestão e a teocracia**. Tese de Doutorado, 2006, USP, São Paulo.

SIMMEL, Georg. **Les Pauvres**. Paris, Quadrige/PUF, 1998.

_____. **Philosophie de l'argent**. Paris, PUF, 1987, 662p.

_____. **Religião: ensaios**. São Paulo, Olho d'água, vol. 1, 2010.

_____. **Religião: ensaios**. São Paulo, Olho d'água, vol 2, 2011.

¹ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Assistente II na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

³ A Rede Caritas NE2 é composta pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte.

⁴ Os valores do individualismo, da competição e da concorrência são os mais ressaltados na crítica ao neoliberalismo como prática econômica pelos empreendimentos em economia solidaria.

⁵ “Ainsi l'argent est un condensé de sens et de matière qui ordonne le social et la pensée sur le social.” *Philosophie de l'argent* 1993, p. 9.

⁶“Qui veut comprendre le present sous quelque aspect que ce soit doit recourir à l’approche historique. Mais ce passé, lui-même obscur et impénétrable, n’est compréhensible qu’à la lumière des expériences du présent immédiat”. (Tradução minha)

⁷ Expressão própria à Rede Caritas e a Economia Solidária: *outra maneira* de agir, consumir, produzir, ser sociedade.

⁸ HELLER , Agnes. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelone, Península, 1977, p. 418.

⁹ ROSANVALLON, Pierre. **La autogestión**, Madrid, Editorial Fundamentos, 1979, p. 187.

¹⁰ CULTI, Maria Nezilda. Economia Solidaria no Brasil: tipologia dos empreendimentos econômicos solidários. São Paulo: Todos os Bichos, 2010, p. 12.

¹¹ O termo apropriado para definir aquilo que excede das vendas de produtos para os que produzem de forma autogestionaria é “sobra” diferente de “lucro” que vai significar uma pratica capitalista de produção. No entanto manteremos o termo Lucro, por ser aquele usado de forma corrente pelos empreendimentos analisados, mesmo que inseridos numa pratica diversa de produção. Provavelmente os empreendimentos falam “lucro” e praticam “sobras” devido ao grau diferenciado de formalização dos grupos. A medida que se capacitam e se formalizam, a expressão “sobras” vem à tona.

¹² Dentre as famílias pesquisadas nenhuma delas havia começado a comercializar seus produtos através da compra direta do Governo Federal intitulada PAA (Programa de Aquisição de Alimentos). Este programa permite a compra direta dos produtos aos agricultores familiares, que inclui leite, mel, verduras, ovos, carne, queijo, etc. Estes produtos são doados às pessoas da própria comunidade que estejam em situação de insegurança alimentar. No momento da pesquisa de campo, os empreendimentos tinham conhecimento do programa federal e começavam a articular esta demanda. A efetivação da compra direta pelo programa PAA varia segundo as prefeituras e o grau de organização das associações rurais em que se encontra o empreendimento solidário.

¹³ A soma dos valores não é necessariamente 100% pois era possível dar mais de uma resposta.

¹⁴ Foi avaliada a seguinte lista de fatores como relevantes para entender o grupo que apresentou apenas renda como objetivo do grupo: Idade, Escolaridade, Renda Mensal, Estado Civil, Idade do Grupo, Tamanho do Grupo e Participação em Capacitações da *Caritas*. O tamanho da amostra não possibilitou a análise efetiva das variáveis Sexo e Estado Civil.